

# Memória na obra 'Areias do Tempo' de Daniela Pinheiro

*Memory in the work 'Areias do Tempo' by Daniela Pinheiro*

ANDRÉA BRÄCHER\* & SANDRA MARIA LÚCIA PEREIRA GONÇALVES\*\*

\* AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, Rua Senhor dos Passos, 248, CEP 90020-180, Centro, Porto Alegre, RS, Brasil.

\*\* AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação, Rua Ramiro Barcelos, 2705, Campus Saúde, CEP 90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil.

**Resumo:** O artigo aborda a obra “Areias do Tempo” da artista visual brasileira Daniela Pinheiro (Pelotas/RS, 1983). Aborda-se a obra em fotografia, realizada em processo fotográfico histórico denominado cianotipia, onde vislumbramos uma obra em progresso, que relaciona fotografia e memória. Usamos ao longo do texto conceitos de memória de Bergson (1999), memória intensiva de Rauter (2000) e fotografia plástica de Baqué (2003).

**Palavras chave:** Fotografia / Cianotipo / Memória.

**Abstract:** *The article addresses the work “Areias do Tempo” from Brazilian visual artist Daniela Pinheiro (Pelotas / RS, 1983). We approach the work in photography, carried out in a historical photographic process called cyanotype, where we glimpse a work in progress, which relates photography and memory. Throughout the text, we used concepts of memory by Bergson (1999), intensive memory by Rauter (2000) and plastic photography by Baqué (2003).*

**Keywords:** *Photography / Cyanotype / Memory.*

## Introdução

O artigo que aqui inicia-se aborda parte da produção da artista visual brasileira Daniela Pinheiro (Pelotas/RS, 1983). Formada em jornalismo e artes visuais, possui mestrado em artes visuais pela UNICAMP (Campinas/Brasil, 2019) e, atualmente faz doutorado na UBI (Universidade da Beira Interior/Portugal). Atua como artista multimídia, jornalista, videomaker e fotógrafa, como podendo ser considerado uma artista jovem. No ano de 2020 começa sua participação no Grupo Lumen de Processos Fotográficos Históricos e Alternativos Fotográficos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde o início de sua carreira, Pinheiro participa de exposições coletivas, individuais, festivais de fotografias, é finalista em prêmios. Dois exemplos são suas participações em 2018 com a obra “Tasogare”, no Arte Londrina, Londrina/PR, e em 2011 o documentário “Inventovoceinventá” na 8ª Bienal do Mercosul de Porto Alegre, Porto Alere/RS.

A obra a ser abordada no artigo chama-se “Areias do Tempo”, desenvolvida durante o seu mestrado em artes visuais. Trata-se de inúmeras fotografias sobrepostas de figueiras centenárias (Figura 1) que ainda habitam sua terra natal — Pelotas/RS, Brasil — e onde vive hoje a artista, no balneário de Laranjal. A memória relacionada ao local de sua infância e objetos descobertos ao longo da pesquisa, irão pontuar seu processo de criação. Entende-se então, que as memórias de sua infância são importantes no trabalho. Pretendemos aprofundar a relação entre a cor das imagens, as várias camadas de fotografias e a costura a partir de conceitos de memória de Henri Bergson (1999), memória intensiva de Cristina Rauter (2000) e Fotografia Plástica de Dominique Baqué (2003), como veremos a seguir.

### 1. Areias do Tempo: entre amarelo, azul e marrom

Para Daniela Pinheiro a obra “Areias do Tempo”, condiz com um encontro de lugares e memórias:

*Imersa nesse encontro, esse lugar onde nasci e cresci fez vir à tona memórias — lembranças das pessoas que tinha perdido ao longo de minha vida, no período em que ainda morava lá, fazendo reverberar, em todo o processo criativo desta pesquisa, questões sobre o tempo, a permanência e a duração. Afetada por essas memórias, busco criar outros diálogos com a fotografia, com o propósito de romper com os paradigmas em torno da imagem fotográfica tradicional, concebida como algo fixo e estático, fazendo emergir novas imagens visuais fotográficas por meio do contato com a materialidade, as intervenções e experimentações com o processo alternativo de fotografia chamado cianótipo (2018: 7).*



**Figura 1** · Daniela Pinheiro, *Areias do Tempo*, 2019-2020. Fotografia em cianótipo e papel japonês, 67 x 57cm. Fonte: Daniela Pinheiro.

A partir destes conceitos a artista desenvolveu extensa pesquisa com o processo fotográfico histórico conhecido como cianótipo. O processo fotográfico histórico do cianótipo originalmente tem sua coloração azul, onde uma imagem negativa é positivada por contato aos raios ultra-violetas. Conhecido desde 1842, seu inventor foi Sir John Herschel. Então, em sua origem um processo de coloração azul, que mediante experimentações químicas (tonalizações com erva-mate) de Pinheiro durante seu mestrado, tornaram suas imagens com tons de marrom — assemelhadas as areias das ruas da cidadezinha balneária sem calçamento. Para reter a coloração da areia, a artista a “aprisionou” em um vidro, para sempre lhe guiar em seus experimentos.

A cianotipia em seu processo de criação mostra-se como o lugar de descobertas e mutações para a artista. Em sua dissertação exemplifica seu processo de criação e sua constante observação da passagem de cor da emulsão de cianotipia de amarelo fosforescente para azul, durante sua lavagem; e, mais tarde, de azul para outra cor, com um banho de erva-mate (Pinheiro, 2018: 50). A cor representa uma mutação da matéria química, mas também a representação de diferentes temporalidades. A erva-mate, tipicamente da região do sul do Brasil, onde a artista nasceu, foi mais um elemento significativo e conceitual para o trabalho.

Diferente de outros artistas que trabalham com processos históricos fotográficos, não importa a unicidade ou a vontade auratizar a imagem em suas criações. Pensamos neste artigo como Dominique Baqué (2003: 9), em que a pureza do meio fotográfico não é prerrogativa, quando se trata da Fotografia Plástica, ela participa da hibridação generalizada da prática e atravessa as artes plásticas. Exemplo disso é a transformação de seu trabalho bidimensional “Areias do Tempo” em um fotofilme de 15 minutos de duração, de mesmo nome (2020). Vemos em seu processo criativo a passagem para a imagem em movimento, junto a narração da própria autora, e imagens em cores. Segundo Daniela Pinheiro (2021) a própria utilizou:

*[...] algumas imagens dos negativos digitais, outras eu utilizei do banco de imagem do processo da pesquisa (fotografias tiradas durante a pesquisa do Mestrado, que não entram na figueira de cianótipo) e outras fotografei em 2020, na pandemia (onde retorno para o Laranjal, morando durante a pandemia) [...] essas fotografias das figueiras eu fotografei desde 2016 (início do Mestrado — agosto) até 2020 (maio — junho).*

Para este artigo somente será analisado o trabalho bidimensional de Daniela Pinheiro.

Muito pertinente a colocação de Baqué sobre como artistas contemporâneos exploram processos históricos da fotografia:

[...] parece que en la otra vertiente de la escena fotográfica hayamos asistido a un retorno del pictorialismo, paralelo a un renovado interés por las técnicas antiguas, sobre todo a lo que podría denominarse el retorno de la Historia (2003:147).

Parece-nos, no entanto, importante antes de classificá-la entre um nome de movimento artístico ou outro, deixa-la situada em uma prática comum entre jovens artistas brasileiros que exploram a fotografia digital, processos históricos da fotografia e vídeo.

## 2. Areias do Tempo: entre passado e presente

O Laranjal, lugar de suas recordações de infância, remete à artista ao veraneio, com ruas de areia, bicicletas e árvores centenárias. As árvores ali presentes são enormes: figueiras recobertas de barba-de-pau. Em concordância com Bergson consideramos que no trabalho de Pinheiro, há um passado que se faz presente.

*Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens (1999: 30).*

A artista ao caminhar pelo pequeno balneário se deparou com essas antigas árvores, e passou a observar suas cascas. Tal parte da árvore lhe remeteu a camada exterior que todos nós seres humanos possuímos, a pele. A pele humana se renova, assim como a “pele” das árvores, guardando marcas da passagem do tempo. É possível também traçarmos mais um paralelo: a emulsão do cianótipo é como uma “pele” fotossensível, onde são registradas as imagens. A pele também está aberta ao toque, uma materialidade que o trabalho de Daniela Pinheiro explora, com a fragmentação e posterior re-construção de sua árvore através de várias camadas de papel japonês. Uma vez que nos aproximamos da obra, é inevitável o toque ao folhear suas imagens. Estas inúmeras camadas, representando fragmentos de fotografias dos troncos das figueiras, são costuradas com linhas (Figura 2).

A costura presente na obra da artista é uma reminiscência de infância — que foi descoberta durante o processo de criação: uma pequena caixa da tia avó materna no quarto da artista no Laranjal, onde haviam dentre outros objetos, agulha e linha, que a artista começou a experimentar. De tal experimentação vieram as costuras entre as fotografias, como observado na Figura 2. Com sua pequena caixa de costura e seus artefatos, a artista busca remeter o leitor de suas imagens a construção de sua poética, seu processo de criação e as escolhas



**Figura 2** · Daniela Pinheiro, *Areias do Tempo*, 2019-2020 (detalhe). Fotografia em cianótipo e papel japonês. Fonte: Daniela Pinheiro.

pelos materiais empregados, objetos, coisas, percursos alinhavados na intensidade temporal que se condensa e intensifica nas imagens criadas. Há a busca de um suporte como o tecido que ao final se deu na escolha do papel japonês, e a ideia das camadas sobrepostas e costuradas da memória. Alicerça seu fazer enraizado no arcabouço do passado, numa memória intensiva. Quem explica este conceito é Rauter (2000: 35) em seu artigo “A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust”,

*[...] Assim, nos momentos plenos da paixão, da política e da criação artística, é traçada uma via de acesso a um outro plano, o plano da imanência da vida, ou como poderíamos também dizê-lo, a um outro tipo de memória. Esta “outra memória intensiva”, podemos contatá-la por outras vias que não as da razão, do ego, da linguagem representacional.*

Ainda segundo a mesma autora (Rauter, 2000:42):

*[...] É o esquecimento que possibilita que conservemos o passado como um plano de intensidade, um plano de onde surgirão os materiais da obra de arte — que não coincidem mais com figuras específicas de nosso passado, mas que se referem ao que nelas corresponde a esta superfície intensiva.*

É no costurar e depois folhear, que encontramos novamente outras temporalidades do trabalho. O tempo de costura entre os vários fragmentos fotográficos de suas cascas, e o tempo de ir descobrindo aos poucos uma árvore ancestral. A costura manual, hoje em desuso nas novas gerações, era um fazer corriqueiro entre nossas antepassadas — mães, avós e bisavós. As práticas manuais incluíam bordados, crochê, tricô e até rendas. Modos de se tecer linhas de tempo no devaneio provocado pela costura, fugir de uma realidade patriarcal que aprisionava as mulheres em casa. Na costura, no bordado elas criavam rizo- mas e derivas mentais que por momentos as libertavam da servidão.

Daniela Pinheiro não é nem Ariadne, nem Penélope; sua costura, assim como sua fotografia são materializações de resistência aos paradigmas contemporâneos da fotografia e das atividades domésticas vigentes da mulher na atualidade.

## Conclusão

O artigo apresentou a obra “Areias do Tempo” da artista brasileira Daniela Pinheiro. A obra feita em papel japonês, com fotografias em cianotipia e costura, é um “work in progress”. A artista faz parte de uma nova geração que trabalha com fotografia, e através dela resgata sua história autobiográfica e cria seus próprios processos criativos com ela. Para abordar teoricamente o trabalho, utilizamos os conceitos de memória de Henri Bergson (1999), memória intensiva de Cristina Rauter (2000) e fotografia plástica de Dominique Baqué (2003). “Areias do Tempo” nos permite refletir sobre a passagem do tempo cronológico e os ciclos da vida — utilizando fotografias da árvore da figueira. Através de suas várias camadas constrói seu próprio livro da vida de forma agnóstica. Seu trabalho que engloba fragmentação, cores diversas, camadas, costuras, incompletudes, como nossa memória, registra uma árvore originária, memorial, juvenil e construída.

## Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Instituto de Artes, ao Departamento de Artes Visuais, à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, e ao Departamento de Comunicação, à Pró-Reitoria de Pesquisa e a de Extensão da UFRGS.

## Referências

- Baqué, Dominique (2003) *La Fotografia Plástica*. Barcelona: Gustavo Gilli. ISBN:9788425219306
- Bergson, Henri (1999) *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes. ISBN:85-336-1021-1
- Pinheiro, Daniela (2018) *Areias do Tempo*: uma confidência do processo criativo e poético com a matéria fotográfica no cianótipo. 94f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) — Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.
- Pinheiro, Daniela (2020). *Areias do Tempo*. Fotofilme. 15min. <https://www.youtube.com/watch?v=79LHfG2xD0g&feature=youtu.be>
- Pinheiro, Daniela (2021). Entrevista. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <andrea.bracher@terra.com.br> em: 15 fev.2021.
- Rauter, Cristina (2000) A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust. In: Fonseca, Tania Mara Galli; Francisco, Deise Juliana *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. ISBN: 9788570255624

## **Notas biográficas**

ANDRÉA BRÄCHER é artista visual e professora no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As suas principais linhas de investigação são Arte e a Fotografia e Processos Fotográficos Históricos e Alternativos.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4525-6400>

Email: [andrea.bracher@terra.com.br](mailto:andrea.bracher@terra.com.br)

Morada: Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, Rua Senhor dos Passos, 248, 90020-180, Porto Alegre, Brasil.

SANDRA MARIA LÚCIA PEREIRA GONÇALVES é artista visual e professora no Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorado em Comunicação e Cultura Pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas principais linhas de investigação se concentram em narrativas visuais produzidas em fotolivros e Fotografia e Arte.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-8888-000>

Email: [sandrapgon@terra.com.br](mailto:sandrapgon@terra.com.br)

Morada: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação, Rua Ramiro Barcelos, 2705, Campus Saúde, CEP 90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil.